

O CONTO POPULAR DA ANTIGUIDADE À MODERNIDADE: TRANSPOSIÇÕES TRANSCULTURAIS.

Maria Edivania dos S. Oliveira ¹, Maria de Fátima B. de M. Batista²

1. Estudante do curso de Letras e pesquisadora (PIBIC) do Programa de Pesquisa em Literatura Popular, na Universidade Federal da Paraíba. *vaniajp214@gmail.com

2. Orientadora de graduação e pós-graduação em Letras e coordenadora do Programa de Pesquisa em Literatura Popular, na Universidade Federal da Paraíba

Palavras Chave: *Semiótica, Cultura, Narrativa popular.*

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar, sob a perspectiva semiótica, o conto de expressão popular do acervo do Programa de Pesquisa em Literatura Popular – PPLP da UFPB, levantado em pesquisa sobre Biblioteca da Vida Rural Brasileira, organizada com apoio do MEC na década de 80, tendo como sujeitos os pesquisadores do referido programa. A teoria utilizada foi proposta por Greimas e seus colaboradores para os quais a semiótica é um percurso gerativo subdividido em três etapas: estrutura fundamental, estrutura narrativa e estrutura discursiva, aplicadas aos “signos verbais, não verbais e complexos ou sincréticos” (Batista, 2009). A amostragem selecionada para esta análise semiótica foi o conto *A filha do pescador* que vem atravessando gerações na memória popular desde a Antiguidade até a atualidade. Uma jovem, privada da companhia de seus pais, é levada para viver em um lugar distante sob o domínio de uma voz que a mantém cativa. *A filha do pescador* traz, em sua essência, características do romance de Lúcio Apuleio (séc. II d.C.) que se cruzam com o conto *A Bela e a Fera* (Barbot, 1740; Beaumont, 1756).

Resultados e Discussão

O estudo da narrativização permitiu elencar seis sujeitos semióticos discursivizados, respectivamente: pelo pescador (S1) cujo valor é a fartura; por Maria, a filha do pescador (S2) que quer permanecer com a família; pelo redemoinho (S3) responsável pela disjunção de Maria com a família; pelo príncipe (S4) que busca a mulher amada (Maria); pela noiva do príncipe (S5) que tem como valor a beleza, a ser encontrada no vestir-se bem para estar conjunta com a aristocracia e a riqueza e ainda por Maria (S6), em um segundo percurso, quando busca a felicidade com o príncipe.

O pescador é ajudado em primeira instância pela filha através da qual, ele obtém o seu objeto de valor. Apesar de ter obtido valor, um sentimento disfórico, pela iminente perda da filha, dele se apodera, o que a esposa, mesmo sem saber do que se tratava, ajuda a dirimir. Maria encontra, no seu percurso, muitos adjuvantes, destacando-se entre eles: a noiva do príncipe que, através de um acordo, cede-lhe o príncipe e os seres que aparecem personificados por elementos da natureza: o sol, a lua, o vento e suas respectivas mães. Estas são figuras deificadas que vão sendo encontrados, no seu entorno, à medida que a narrativa se desenvolve. O fato de estarem no firmamento sugere uma posição de superioridade em relação aos demais atores que lhes permite realizar ações impossíveis aos seres humanos, como transportar Maria, em pouco tempo, nos mais variados confins e fabricar-lhe vestidos ricos que irão intermediar as relações de Maria com a nobreza.

As relações intersubjetivas mostram um sujeito enunciador debruado do enunciado no tempo e no espaço: é um narrador que, em algumas passagens, passa a voz a atores da enunciação enunciada: voz, Maria, lua, sol.

O conflito central da narrativa acontece entre Bem x Mal. O bem implica na ausência de mal e é representado pelo amor e suas figuras: dedicação, luta e fidelidade demonstrados nas atitudes de Maria, que além disso é ajudada por seres celestiais. O mal implica na ausência de bem, representado pela negra que tem como figuras: a vaidade, a beleza e o interesse pela posição social, encontrando no príncipe um meio de obter seu valor.

A partida do príncipe representa uma penalidade decorrente da transgressão de Maria: ela desobedeceu a uma ordem sua de não iluminar o lugar em que estava. Na verdade, ele desejava conhecer a profundidade do seu amor independentemente da aparência. Ela foi sancionada positivamente pela fidelidade ao amor e a luta desencadeada para reencontrá-lo, embora desconhecesse que ele era um príncipe.

Conclusões

Conclui-se que existe uma leitura temática que subjaz a narrativa e se coaduna com os princípios religiosos: a valorização da pobreza e do desapego, o trabalho, a luta pela sobrevivência, a relação com seres celestiais e, sobretudo, a centralização no amor sublime e na fidelidade amorosa. A figura do branco é apontada como detentora desses valores, enquanto que a do negro é representada com valores negativos de ambição, desejos de melhorar o aspecto físico e de pertencer a aristocracia.

Agradecimentos

Ao Programa de Pesquisa em Literatura Popular do qual faço parte como pesquisadora de iniciação científica, por disponibilizar os meios para que nos tornemos pesquisadores competentes.

APULEYO. *El Asno de Oro*. Trad. Vicente López Soto; Juventud: Barcelona (s.d.).

BATISTA, M. de F. B. de M. *Semiótica e Cultura: valores em circulação na Literatura Popular*. In: Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC. Manaus, 2009. Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br/livro/61ra>>. Acesso em: 24 Mar. 2016.

BEAUMONT, Jeanne-Marie Le Prince de. *A Bela e a Fera*. Trad. Marie-Hélène C. Torres; São Paulo: Poetisa, 2014.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GREIMAS, A. Julien e COURTÈS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix (s.d.).